

03/11/2015 - 05:00

Espírito Santo vive acerto de contas político

Por **Cristian Klein**

Hartung: "No dia em que você ficar sem mandato, uma vezinha que for, vai saber que gente sem mandato fala muito pouco"

Em apenas quatro das 27 unidades da Federação, um candidato a governador se elegeu, no ano passado, fazendo oposição tanto ao governo estadual quanto ao federal. Entre eles está o pemedebista Paulo Hartung, que retomou o cargo para exercer o terceiro mandato no Espírito Santo, numa situação bem diferente à da primeira vitória, em 2002. Se naquele momento, Hartung personificava um grande movimento que buscava reerguer o Estado do colapso institucional, hoje o governador lidera um Espírito Santo dividido. A união acabou. A Assembleia Legislativa capixaba continua dócil - e dá 100% de apoio ao Executivo - mas toda a oposição parlamentar que lhe falta o governador encontra na figura do antecessor e ex-aliado, Renato Casagrande (PSB). O desalinhamento contrasta com um Estado cujas contas estão relativamente bem organizadas em comparação a outros entes da Federação. O que não impede que o ajuste fiscal seja tema da luta política entre os dois antagonistas.

Casagrande diz que deixou R\$ 1,9 bilhão em caixa e critica a paralisação de obras e a descontinuidade de programas sociais de seu governo. Hartung, que reassumiu o Palácio Anchieta cortando o Orçamento, afirma que quase todos os recursos citados pelo adversário são vinculados e têm destino carimbado.

"Ele faz uma política atrasada, e iniciou um ajuste fiscal sem necessidade. Fez isso para tentar me responsabilizar, para justificar a farsa de que o Estado estava desorganizado. Só que isso não colou", diz Casagrande.

Hartung rebate ao afirmar que largou o Estado em 2010 com R\$ 1,5 bilhão "limpo" em caixa e com capacidade de investimento equivalente a 16% das receitas. "Isso foi queimado", diz.

De lado a lado, os adversários levantam uma extensa numeralha para comprovar quem é o dono da verdade. Mas a fonte do dissenso parece estar mais ligada à política do que às finanças estaduais.



Casagrande: "Ele iniciou um ajuste fiscal sem necessidade, para justificar a

farsa de que o Estado estava desorganizado”

O que Casagrande chama de farsa outros poderiam denominar de esperteza política. Fora do cargo desde que ajudou a eleger o então senador Renato Casagrande como seu sucessor, em 2010, Hartung recolheu-se para os bastidores e passou, oficialmente, a se ocupar de consultorias. Politicamente, porém, continuava a exercer influência no governo. Tanto que vários ex-integrantes do primeiro escalão de Casagrande eram do seu grupo e o acompanham agora. É o caso da cunhada de Hartung, Ângela Silveiras, atual secretária de Governo que comandava a secretaria de Controle na gestão do pessebista

O ex-governador acusa Hartung de ter rompido um acordo pelo qual continuariam aliados e o pemedebista concorreria ao Senado. "Ele foi sócio dos resultados por três anos e meio. Saí com mais de 76% de aprovação, mas não ganhei porque não houve tempo de fazer o enfrentamento político", afirma Casagrande, para quem a decisão de Hartung já estava tomada havia tempo.

Em janeiro do ano passado, em entrevista ao **Valor**, Paulo Hartung fazia mistério. Hoje, reconhece que esconder o jogo era parte da estratégia. "No dia em que você ficar sem mandato, uma vezinha que for, vai saber que gente sem mandato fala muito pouco", justifica o governador, para logo em seguida dar uma piscada apenas com o olho esquerdo e soltar uma gargalhada.

Hartung liderou a corrida eleitoral até o final apesar de ter uma maior taxa de rejeição e a despeito da alta aprovação do governo Casagrande, considerado ótimo ou bom por 35% dos entrevistados e regular por 38%, em pesquisa Ibope feita às vésperas do primeiro turno, que terminou em 53,44% a 39,34%.

A façanha atesta a força de Hartung, que militou no movimento estudantil nos anos 1970, passou por PCB, MDB, PMDB, PSDB, PPS e PSB, foi deputado estadual, federal, prefeito, senador até se eleger governador em 2002 e se reeleger em 2006. Sua gestão foi marcada por uma espécie de "pacto de união estadual" que recuperou o Espírito Santo depois da administração ruínosa de José Ignácio Ferreira, então PSDB. O governo do tucano era controlado, de fato, pelo presidente da Assembleia, José Carlos Gratz (então PFL), que chegou a ser preso por envolvimento com o crime organizado.

Desde então, é Hartung o manda-chuva político no Estado. Em 2010, sem mais direito à reeleição, seu plano A era fazer o então vice-governador, o hoje senador Ricardo Ferraço (PMDB), o sucessor. Mas Casagrande, que aparecia mais bem posicionado nas pesquisas, impôs sua candidatura.

Eleito com 82,2% contra 15,5% de Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB) - resultado do apoio do amplo bloco que sustentara Hartung - o pessebista fez o que chama de um "governo compartilhado". E por isso tantos nomes do governo anterior participaram de sua administração.

Indagado se não confiou demais em Hartung - que terminou por desafiá-lo - Casagrande afirma que sofreu muita pressão para manter a união. "Havia uma enxurrada de pedidos para a gente ficar juntos, de prefeitos e do movimento Espírito Santo em Ação", justifica.

Influente, a ONG Espírito Santo em Ação foi criada em 2003 por empresários que queriam estimular a reconstrução do Estado, após os anos Gratz e Ferreira. Seu presidente é Luiz Wagner Chieppe, um dos sócios do Grupo Águia Branca, o maior conglomerado estritamente capixaba, com 15 mil funcionários e faturamento de R\$ 6 bilhões, que atua no setor de transporte, logística e tem 19% de participação na empresa aérea Azul.

Chieppe reconhece que os apelos aconteceram, mas que, quando houve uma "leitura" dos políticos de que o caminho seria o racha, o empresariado compreendeu. Até porque a crise ética já tinha passado e o Estado "entrou em outra fase". "A classe empresarial tem funcionado bem aqui no Espírito Santo porque cada um sabe o seu papel. Que a política cuide da política. Isso mostra evolução. Foi um privilégio ter dois candidatos desse nível, desse quilate", afirma Chieppe.

A prática pela qual José Dirceu é crucificado, ele [Hartung] também usou. O rompimento é total, pois ele planejou

Casagrande atendeu aos pedidos, e agora, sem mandato, está às voltas com o desafio de segurar seus correligionários, atraídos pela força da máquina estadual. Como diz um político local, o ex-governador faz oposição, mas não pode exigir o mesmo dos deputados do PSB na Assembleia por medo de "espirrar", ou seja, de que os parlamentares saiam da legenda.

Com razão. O sistema partidário capixaba é um dos mais fluidos, invertebrados e fragmentados do país. Desde a redemocratização, Casagrande foi o primeiro candidato a governador a concorrer em duas eleições seguidas pelo mesmo partido. Os dez deputados federais do Estado pertencem a nove partidos, uma média de 1,1 parlamentar por legenda que sobe para apenas 1,5 na Câmara de Vitória e 1,7 na Assembleia Legislativa.

Nesse cenário, predomina a figura individual de Paulo Hartung. O cacique, porém, pode muito, mas não pode tudo. Embora do mesmo partido, a senadora Rose de Freitas (PMDB), por exemplo, elegeu-se no ano passado a despeito de sua vontade - e graças à forte intermediação de interesses de prefeitos em Brasília quando era deputada.

A preferência de Hartung era pelo presidente estadual do PT e ex-prefeito da capital, João Coser - hoje seu secretário de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano. Em troca do apoio velado do pemedebista ao Senado, o PT lançou um candidato a governador, o deputado estadual Roberto Carlos, tão inofensivo que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se recusou a fazer campanha e ir ao Estado por não querer pagar "mico". O petista obteve só 6% dos votos. Por fim, o PT não conseguiu nenhum dos dois objetivos traçados: nem elegeu Coser, nem convenceu Hartung a dar palanque no Estado para a campanha de Dilma Rousseff.

O pemedebista pediu voto para o senador Aécio Neves, numa aliança com o PSDB, que emplacou o ex-deputado federal César Colnago como vice-governador. Se em 2010, havia sido o PT o parceiro preferencial do bloco ainda unido - à época a legenda fez o vice de Casagrande -, em 2014 foi o PSDB o partido disputado no Estado.

Isso mostra uma mudança que coincide com o declínio da hegemonia nacional no PT. Ex-tucano, o camaleônico Hartung elegeu-se governador em 2002, ainda pelo PSB, junto com a ascensão de Lula ao Planalto, e surfou a onda petista enquanto ela esteve no auge. Mas já em 2010 foi acusado de ter feito corpo mole no segundo turno da campanha presidencial, quando José Serra (PSDB) surpreendeu e foi o mais votado no Estado.

No ano passado, Aécio venceu na primeira e na segunda etapa entre os capixabas, tornando o Espírito Santo o único Estado azul, tucano - junto com Roraima - em meio à grande mancha vermelha e petista que vai, em meia-lua, do Rio de Janeiro ao Amazonas. Ainda assim, o Espírito Santo tem sido palco de resultados presidenciais muito apertados. E Hartung, desde que chegou ao Palácio Anchieta pela primeira vez, dança conforme a música num Estado que também não se define muito claramente. Foi a unidade da Federação que teve a votação mais embolada entre Dilma, Aécio e Marina Silva (PSB), no primeiro turno de 2014. É também o segundo Estado mais evangélico do país (33,1% da população) - rebanho onde o pastor Magno Malta (PR) colhe votos ao Senado desde 2002.

No embate nacional, Hartung não vê razão para o impeachment de Dilma, tal como defende Aécio. Aproxima-se da presidente, mas não demais. "Ele é muito esperto, sai na defesa não da Dilma, mas da organização das contas, do ajuste fiscal", afirma um político do Estado.

O tucano Luiz Paulo Vellozo Lucas - isolado durante a aliança de Hartung com os petistas - elogia: "O Paulo foi premonitório. O Espírito Santo foi o primeiro Estado em que o PMDB largou o PT. Ele é visionário. É da família das corujas, que enxergam de noite - uma qualidade de estadista, de político e de gestor", exalta o presidente do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes).

Sobre quem preferiria apoiar no PSDB em 2018 - se Aécio ou o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin - Hartung responde, antes de, mais uma vez, piscar o olho esquerdo: "Eu gosto dos três. Você está excluindo o meu amigo Serra. O PSDB tem uma vantagem visível que é ter três nomes bons, experientes, que já concorreram à Presidência da República. Convivo bem com todos eles", afirma.

Isso é baixaria, é lamentável. Você vai ver onde isso começou: no fim da campanha, quando o jogo não virava

Enquanto isso o clima de guerra aberta com Casagrande continua. Hoje à frente da fundação do seu partido, a João Mangabeira, o ex-governador menciona temas explorados na campanha, como supostas irregularidades cometidas nos dois primeiros mandatos de Hartung, entre elas gastos do Estado com viagens da primeira-dama, em fins de semana, ao Rio e São Paulo, e a compra de terreno por uma pessoa - ligada ao pemedebista - que depois o revendeu por "preço estratosférico", no município de Presidente Kennedy.

Entre as acusações, constam ainda a não declaração de uma "casa majestosa" em Pedra Azul, região mais valorizada do Estado, e o fato de Hartung ter recebido R\$ 5,8 milhões por consultorias prestadas depois que saiu do governo. "Ele declarou o dinheiro. Mas todas as clientes eram fornecedoras do Estado, mais de 30 empresas. A prática pela qual [o ex-presidente do PT] José Dirceu é crucificado, ele [Hartung] também usou", compara Casagrande, para quem o "rompimento é total, pois ele [governador] planejou".

Hartung rebate as críticas. "Isso é baixaria, é lamentável, nunca aconteceu na história do Espírito Santo. É apelação. Você vai ver onde isso começou: na reta final da campanha, quando o jogo não virava", diz.